

Sobre quem jogou antes: breve cronologia do jornalismo esportivo até o século XX

About those who played before: brief chronology about
sports journalism until the 20th century

Luiz Henrique Zart

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil
Doutorando em Jornalismo, UFSC
luizhenriquezart@hotmail.com

RESUMO: Este estudo desenvolve uma breve cronologia do jornalismo esportivo, sobretudo no contexto brasileiro, até o fim do século XX. Parte-se de uma curta abordagem de revisão bibliográfica, com a intenção de documentar e descrever a entrada da pauta esportiva nos jornais, as primeiras publicações a apostar nesta temática em específico, até o crescimento e a popularização especialmente do futebol. O contexto nacional e a construção de uma forma característica de tratar a informação esportiva são abordados, dos impressos até as transmissões em rádio e TV, responsáveis por estabelecer uma cultura esportiva no país. O artigo se centra temporalmente antes da progressiva e perceptível remodelagem contemporânea do jornalismo da área nas últimas décadas. Assim, é possível entender um pouco mais sobre quem jogou antes.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo esportivo; Jornalismo especializado; Panorama histórico.

ABSTRACT: This study provides a brief chronology of sports journalism, particularly in the Brazilian context, up to the end of the 20th century. It uses a short bibliographical review approach, aiming to document and describe the introduction of sports coverage into newspapers, the first publications to focus on this specific topic, and the growth and popularization of soccer, in particular. The national context and the development of a distinctive approach to sports reporting are addressed, from print to radio and television broadcasts, which established a sports culture in the country. The article focuses on a time period prior to the progressive and noticeable contemporary remodeling of sports journalism in recent decades. This allows for a better understanding of who played before.

KEYWORDS: Sports Journalism; Specialized journalism; Historical overview.

INTRODUÇÃO¹

Pouco mais de um século de história. É este o percurso traçado pelo jornalismo esportivo, diante de uma série de transformações em suas práticas desde a segunda metade do século XIX. Ocupante de um espaço peculiar dentro do universo jornalístico em geral, o discurso da imprensa esportiva começou a ser construído não por jornalistas propriamente ditos, mas por atores da área, ao mesmo tempo em que era desenvolvida a consciência de um grupo específico da categoria.²

Aron *et al.*³ destacam uma conjunção que influenciou uma forma determinada de profissionalização e, também, a interlocução atrasada entre pesquisadores das áreas de jornalismo e esporte: a ocorrência de uma “prática dupla”: “do/as próprio/as esportistas que passaram a escrever, ou ainda a do/as jornalistas amadore/as de esporte”. Neste artigo, pretende-se abordar aspectos históricos do segmento como para conhecer como era e saber quem jogou antes, a partir da construção de uma breve cronologia, limitada ao fim do século XX.

É importante ressaltar que os meios de comunicação de massa e os esportes têm ligação direta com a modernidade, já aos fins do século XIX. Neste período, por exemplo, por meio da capacidade naval e comercial, a Inglaterra contribuiu para a formação de uma espécie de *ethos* esportivo, como um ideal de conduta para as elites ilustradas, exportado para o resto mundo.⁴ Justamente neste contexto, também a tecnologia teve avanços consideráveis: da fotografia ao telefone, do cinema à impressão *offset*, uma série de recursos formaram parte essencial da cultura de massa que alavancou o encontro entre mídia e esporte.

É, sobretudo, um panorama recente. Parte-se de uma perspectiva ao avesso, é possível perceber que o esporte ocupa espaço importante na mídia contemporânea, tanto especializada quanto generalista. Segundo apontam Aron *et al.*,⁵ fazem parte da chamada “indústria da informação” os “atletas, resultados, conquistas, temporadas de grandes eventos (Copas do Mundo, Jogos Olímpicos ou Paraolímpicos)”,

¹ Este trabalho é a adaptação de uma parte da dissertação do autor (2024).

² ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo: introdução.

³ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo, p. 11.

⁴ GASTALDO. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas.

⁵ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo, p. 10-1.

por exemplo. Vale ressaltar que para que se chegasse a esta condição, foi importante que as coberturas se iniciassem a partir de certo contexto, abordado a seguir.

O PRINCÍPIO DO ESPORTE NOS JORNAIS: EM CRESCIMENTO, MAS SUBESTIMADO

Por exemplo, quando resultados de esportes passaram a incorporar a pauta dos jornais, primeiro com corridas de cavalos:⁶ “*O Bell's life in London* (1823) foi dos primeiros a publicar notícias esportivas, assim como os periódicos especializados tendo se estabelecido em meados do século XIX (*The Field*, 1853; *Les Sports* (1854), jornais sociais; *Le Sport Nautique*, 1860; *The Sportsman*, 1865)”. Assim, publicações iam demarcando o desbravar da área:

Se o New York Herald teria sido o primeiro jornal generalista a cobrir sistematicamente o mundo do esporte, o New York World, em 1883, foi pioneiro na constituição de uma equipe de repórteres especializados. A partir do final do século XIX, os títulos esportivos crescem significativamente, passando a incorporar as políticas públicas, não apenas como consequência da democratização do esporte, mas também porque satisfazem os interesses econômicos das indústrias automobilística e do ciclismo. Com o *Le Vélo* de Pierre Giffard (1892) e seu concorrente *L'Auto* (1904), de Henry Desgranges, e com a organização do primeiro Tour de France (maior e mais antigo evento de ciclismo do mundo) em junho/julho de 1903, o esporte adentra a era da mídia, que ainda vigora.⁷

No entanto, antes disso, em 1828, em Paris, surgiu o primeiro jornal esportivo da história: *Journals des Haras*. As primeiras informações esportivas eram redigidas nos jornais em formato de notas com curiosidades, depois expandidas para artigos descrevendo os jogos e os esportes mais populares. Casos curiosos, como o da luta entre o cozinheiro de Lord Smith e o pasteleiro do Duque de Bridge, em uma modalidade chamada de *boxeo*,⁸ também tinham espaço nas páginas. Em muitos casos, inclusive, a perspectiva da crônica focava nas reações do público, deixando o jogo em segundo plano.

Alcoba López,⁹ inclusive, acredita que este formato de comentário, por ter ampla aceitação popular, cumpriu função importante no que viria a se transformar

⁶ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo, p. 10-1.

⁷ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo, p. 10-1.

⁸ SILVEIRA. *Jornalismo esportivo: conceitos e práticas*, p. 20.

⁹ ALCOBA LÓPEZ. *Periodismo deportivo*.

na comunicação periódica sobre o assunto. Conforme indica o autor, os primeiros jornalistas esportivos eram “[...] escritores subjugados pela emoção da competição, pelos feitos dos atletas”. No entanto, com o passar do tempo, a prática esportiva despertaria interesse tanto do público quanto dos veículos de comunicação, que passaram a incluí-lo como um gênero específico – e a contar com pessoas capazes de descrever e detalhar competições e consequências.¹⁰

Um marco para o segmento foi 1895, quando o *The New York Times* passou a tratar de esportes em seus cadernos. Forçado pelo aumento significativo das vendas da concorrência, o jornal precisou aderir e dedicar páginas inteiras aos conteúdos da temática diariamente, contribuindo para a popularização. Silveira¹¹ lembra que, mesmo em 1926, o NYT “publicou na primeira página e em colunas, com direito à fotografia do boxeador Gene Tunney e um carro, recebendo homenagens dos torcedores que festejavam a vitória dele”.

O caso ilustra, de certa forma, o papel da popularização das práticas esportivas e os relatos da imprensa da época, tanto no mundo quanto no território brasileiro, em um paradoxo mencionado por Melo:¹² “a popularidade crescente da prática esportiva dever-se-ia a esse espaço privilegiado que obteve na imprensa ou, pelo contrário, esse espaço na imprensa dever-se-ia à popularidade crescente da prática esportiva?”.

A resposta, oferecida pelo próprio autor, configura um cenário de troca, em que “a imprensa progressivamente noticiou o esporte porque ele crescentemente tornou-se uma prática socialmente valorizada”, ao mesmo tempo em que a prática “também se tornou crescentemente valorizada porque foi progressivamente noticiada na imprensa”. Argumento reiterado por Borelli,¹³ quando ressalta que “na medida em que a opinião pública começa a se interessar pelo assunto, o esporte passa a ganhar mais espaço e, da mesma maneira, é requisitado aos mídias mais especialização para a cobertura jornalística”.

É relevante considerar que a relação entre a imprensa e as classes abastadas é uma moderadora das primeiras publicações sobre esportes. Práticas como o haras,

¹⁰ LIMA; BRASILEIRO. A virtualização do jornalismo esportivo: Futirinhas e Trivela.

¹¹ SILVEIRA. *Jornalismo esportivo*, p. 20.

¹² MELO. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX, p. 23.

¹³ BORELLI. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico, p. 12.

a caça, o turfe e o remo eram mais representativos, e acabam ilustrando que “mesmo que o esporte em si não fosse determinante dos rumos políticos e econômicos do país, em torno dos clubes se organizava gente influente da sociedade, a quem a imprensa interessava relacionar-se”.¹⁴ Contra a popularização deste segmento, pesava o fato de que a prática esportiva, no princípio da divulgação pela imprensa, era ligada às classes burguesas. Na época, o futebol não tinha a expressão que desenvolveu ao longo do tempo até se tornar o fenômeno massivo que é hoje. Nos primeiros anos da cobertura esportiva:

[...] Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia.¹⁵

Vale reafirmar, no entanto, que o crescimento gradual do jornalismo esportivo, sobretudo após a massificação das transmissões, não apaga que foi uma prática subestimada desde o começo do século. Em especial, prevalecia a percepção de que uma atividade vista como recreação não poderia sequer dividir espaço com temas nobres, como política e economia, por exemplo.

A IMPRENSA ESPORTIVA EM (LENTA) EXPANSÃO E O CONTEXTO BRASILEIRO

Em território brasileiro, o jornalismo esportivo teve início com a publicação de *O Atleta*, a partir de 1856,¹⁶ O periódico se dedicava a trazer dicas sobre condicionamento físico, sobretudo para moradores do Rio de Janeiro. Ainda assim, importa lembrar que a atividade do lazer ligada a uma sociedade de elite nacional e regional já povoava as folhas dos impressos cariocas desde a década de 1810, com destaque a partir de 1847, quando de uma publicação do *Jornal do Commercio*, levantando a necessidade de profissionalização do turfe no Rio, situação concretizada anos depois.¹⁷

¹⁴ MELO. Causa e consequência, p. 25.

¹⁵ COELHO. *Jornalismo Esportivo*, p. 9.

¹⁶ BAHIA. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*.

¹⁷ PELEGRIINI; GIGLIO. *A Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports: aproximações na primeira metade do século XX*.

No entanto, só várias décadas depois, sobretudo a partir de 1922, é que as publicações nacionais passaram a dedicar mais espaço às pautas esportivas – com fotos de quatro e cinco colunas, com lances de futebol na primeira página, e com a organização, cinco anos antes, da Associação dos Cronistas Esportivos (ACE), em São Paulo. Um sinal de organização da categoria. Deste contexto, diversas publicações começaram a ganhar força:

Pouco depois, em 1885, circularam *O Sport* e *O Sportsman*. Em 1881, surgiu em São Paulo *A Platea Sportiva*, um suplemento de *A Platea*, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva* (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo.¹⁸

O surgimento desordenado fazia com que o jornalismo dedicado ao esporte, até o final do século XIX, não tivesse distinção específica nas publicações, como em editoriais. Nesse período, as notícias “se misturavam com informações comerciais, políticas, econômicas, por vezes inseridas no bloco dos acontecimentos sociais”.¹⁹ Quem quebrou esta perspectiva no país foi o tradicional *Jornal do Brasil* que, já no segundo dia de circulação, em 10 de abril de 1891, publicava uma coluna, a *Sport*. Desde as primeiras notas sobre a temática, a perspectiva esportiva dialogava com revistas e a literatura. Esse posicionamento tem motivo:²⁰ a limitação editorial das publicações brasileiras, “importantes espaços de veiculação das ideias e produção dos literatos”. Em especial durante a primeira metade do século XX é possível dizer que o crescimento do campo esportivo se dá de forma indissociável do desenvolvimento da imprensa especializada. Isso porque, além de apenas informar, a imprensa mobilizava figuras política e socialmente relevantes naquele momento histórico para “idealizar, divulgar, apoiar e até mesmo executar diversos eventos a fim de movimentar o cenário esportivo dos centros urbanos”.²¹

¹⁸ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil*, p. 26-7.

¹⁹ MELO. *Causa e consequência*, p. 26.

²⁰ MELO. *Causa e consequência*.

²¹ PELEGRINI; GIGLIO. *A Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports*, p. 68.

Neste sentido, é fundamental a contribuição da crônica enquanto um formato de texto constitutivo da imprensa esportiva nacional. Para Melo,²² elas “construíram representações sobre o esporte, de pontos de vista mais ou menos críticos, sempre a partir de mediações entre as diversas esferas envolvidas com o fenômeno esportivo”, em uma crítica social a partir dos papéis representados pelo jogo, um subterfúgio para falar sobre as relações de poder presentes na sociedade – usando figuras de linguagem e dicotomias como as de dominador/dominado, pobre/rico, colonizador/colonizado, entre outras.²³

Uma prova disso é a virada geopolítica que ocorre com a primeira Grande Guerra: antes dela, o esporte ocupava 6% do espaço de divulgação de publicações francesas; enquanto após a Segunda Guerra Mundial, o número passou a ser de 13,5% nos jornais de Paris e 30% na imprensa regional.²⁴ Na Inglaterra, a expansão também é significativa, com os jornais investindo na produção de suplementos esportivos, como o *The Daily Telegraph*, o *Daily Mail* e o *Daily Express*. Assim, o esporte “passa a ser tema de reportagens e crônicas, retransmitido por agências e beneficiando-se de um corpo profissional especializado: jornalistas (inclusive especialistas das diferentes modalidades), fotógrafos, comentaristas de rádio e televisão”.²⁵ No Brasil, por sua vez:

[...] as práticas esportivas chegaram junto com os ventos de modernidade, em fins do século XIX. Em menos de 20 anos, a escravidão foi abolida (1888), o Império derrubado (1889), a febre amarela erradicada (1904-1908) e o centro do Rio de Janeiro reconstruído (pela Reforma Pereira Passos, entre 1902-1906). Nesse período efervescente, no Rio de Janeiro conhecido como a “Belle Époque carioca”, além da Lei Áurea e da Proclamação da República, também foram fundados clubes de remo (como o Clube de Regatas Botafogo, de 1894, e o Clube de Regatas do Flamengo, de 1895) e, pouco depois, de futebol (Fluminense Football Club, de 1902).²⁶

Em especial, o futebol passou por esse mesmo processo de dupla validação. Ao mesmo tempo em que a modalidade ganhava expressão pública, passava a ser noticiada (e vice-versa). A popularização deste esporte no Brasil iniciou, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, com a chegada de Charles William Miller (1874-

²² MELO. Causa e consequência, p. 39.

²³ MARQUES. A “criança difícil do século”: algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio.

²⁴ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo.

²⁵ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo.

²⁶ GASTALDO. Comunicação e esporte, p. 42.

1953). Com pai escocês e mãe brasileira de ascendência inglesa, Miller nasceu em São Paulo, mas concluiu os estudos na Inglaterra, de onde teria trazido bolas, chuteiras e outros equipamentos, além de um livro com o regulamento oficializado em território inglês em 1865.²⁷

Outros pesquisadores, no entanto, contestam esta colocação. É o caso de Shirts,²⁸ quando comenta sobre a introdução do esporte em outras regiões de São Paulo, antes mesmo da chegada de Miller, colocando em questão, inclusive, se o fato de ele ter trazido artigos esportivos seria suficiente para despertar interesse pela prática do futebol. Caldas,²⁹ por exemplo, argumenta que o futebol pode ter sido praticado pela primeira vez no país em cidades portuárias, por marinheiros britânicos, ou mesmo antes disso, por povos originários e indígenas de outras regiões. Ainda assim, cabe mencionar o esforço de Miller para emplacar as notícias sobre o esporte nas principais publicações da imprensa nacional, junto com Mário Cardim, primeiro repórter esportivo de destaque por aqui.

Na realidade brasileira, o desenvolvimento da imprensa esportiva foi mais lento, apesar de ter similaridades com a cobertura internacional no que diz respeito ao contexto histórico. No princípio, como ressaltou-se, as publicações reservavam pouco espaço para o tema, como aponta Silveira:³⁰ “o *Correio Paulistano*, por exemplo, dedicava apenas uma coluna para matérias de futebol e duas para o turfe. Mesmo o remo, esporte mais popular da época, não era creditado para ser matéria de capa”. Entretanto, como menciona Borelli,³¹ o esporte tem significado não apenas para o campo jornalístico, como também para a cultura brasileira, o que motivou o duplo movimento de interesse dos públicos pelas práticas esportivas e, ao mesmo tempo, a cobertura da imprensa.

²⁷ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grêmio e o rebaixamento do Inter*, p. 37-8. Apesar de muito recorrente, esta versão é contestada por outros estudiosos. Por isso, a popularização também pode ser compartilhada com práticas espontâneas vindas de outras regiões da própria América do Sul, que bebeu de outras fontes e de outras formas de jogo com bola.

²⁸ SHIRTS. *Futebol no Brasil ou football in Brazil?*

²⁹ CALDAS. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*.

³⁰ SILVEIRA. *Jornalismo esportivo*, p. 21.

³¹ BORELLI. *O esporte como uma construção específica no campo jornalístico*, p. 12.

O FUTEBOL COMO PROPULSOR DA POPULARIZAÇÃO DOS ESPORTES NO BRASIL

Segundo Ribeiro,³² de forma oficial, 22 de setembro de 1901 foi quando o futebol foi noticiado pela primeira vez, pelas páginas do jornal *Correio da Manhã*, na coluna Sport. O informe tratava da partida entre as únicas equipes fluminenses até o momento, Paysandu Cricket Club e Rio Cricket and Athletic Association. Sete anos depois, segundo ressalta Gastaldo,³³ havia até sessões públicas de cinema para apresentar compactos das transmissões dos jogos de futebol local.

De maneira geral, conforme argumenta Costa,³⁴ nesta época, entre 1910 e 1920, as notícias esportivas tinham uma composição mais polida. Nestes anos, “muitos jornais se esforçavam para preservar uma concepção de futebol ancorada em valores da elite, que via esse esporte como símbolo de modernidade e fidalguia”, em um discurso mais formal, sem exageros.³⁵ Desde esta época, no entanto, certas revistas de variedades e periódicos especializados em futebol começavam a dar tratamento diferenciado à modalidade, com “muitas reportagens produzidas por essas publicações se caracterizavam pelo uso de um tom mais humorístico, investindo em charges e casos pitorescos envolvendo jogadores”.³⁶ Essas reportagens interpretavam o futebol “não como pedagogia, mas como diversão [...] em que cabiam as superstições populares, a irreverência, a iconoclastia e as manifestações mais francas das paixões clubísticas e regionais”.³⁷

Foi também entre as décadas de 1920 e 1930, por meio das transmissões radiofônicas, que se popularizaram as jornadas esportivas – termo criado nos Estados Unidos, “durante uma das primeiras transmissões esportivas ao vivo e ininterruptas na história do rádio: a luta de boxe entre os pesos pesados Jack Dempsey e Georges Carpentier que, devido à longa duração, recebeu a célebre alcunha de jornada esportiva”.³⁸

³² RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

³³ GASTALDO. Comunicação e esporte, p. 42-3.

³⁴ COSTA. Futebol folhetinizado: a imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia.

³⁵ COSTA. Futebol folhetinizado, p. 99.

³⁶ COSTA. Futebol folhetinizado, p. 99.

³⁷ SILVA. *Mil e uma noites de futebol*, p. 88.

³⁸ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 53.

O contexto, gradualmente, se alterava. Além da ruptura em relação à inclusão de jogadores negros nas competições, é notável o distanciamento da perspectiva inicialmente elitista, que durou especialmente da última década do século XIX até a terceira do século XX. Caldas³⁹ aponta que os clubes cariocas e paulistas passaram a cobrar ingressos dos frequentadores das partidas. O dinheiro, usado para a compra de equipamentos e outros artigos esportivos, antes, “era coberto por doações regulares ou voluntárias de sócios. A quebra dessa tradição abriu caminho para os primeiros passos em direção ao profissionalismo”.

Antes disso, publicações esportivas também ajudaram a dar visibilidade a estes acontecimentos e, além de projetar a formação de um público de massa no país, “folhetinizaram a informação”. Esse processo se dava por meio de histórias de interesse humano, em especial partindo dos dilemas pessoais dos atletas, convertidos em pequenos romances da vida real, quando enfatiza “as origens sociais, emblematiza essa insistente e exitosa tática de conversão de jogadores em personagens”.⁴⁰

Nas páginas esportivas, então, tinha espaço a união da informação com os recursos fictícios, “fazendo do futebol uma máquina fabuladora repleta de personagens desenhados de modo a promover identificação e fascínio em seu público leitor”, já que havia a necessidade de “entretê-lo, de seduzi-lo, fazendo suas emoções fervilharem, convocando sua paixão clubística e multiplicando suas expectativas em torno de um jogo”.⁴¹ Os jogos passavam a ser:

convertidos em histórias repletas de dramatizações em que o tom superlativo prepondera na tentativa de provocar os afetos do leitor, fomentando identificação fácil e imediata. No jornalismo esportivo, as notícias costumam transcender “as suas funções tradicionais de informar e explicar” (Dardenne, 1999:265) e caminham na direção do entretenimento.⁴²

No período de popularização do futebol no Brasil, Mário Filho foi um nome representativo com esta proposta. Alterou sobretudo a composição da linguagem do jornalismo esportivo brasileiro, especialmente a relacionada ao futebol. Conforme relata Silveira,⁴³ irmão mais velho de Nelson Rodrigues, Mário começou a trabalhar como

³⁹ CALDAS. *O pontapé inicial*, p. 46.

⁴⁰ COSTA. *Futebol folhetinizado*, p. 97.

⁴¹ COSTA. *Futebol folhetinizado*, p. 22-23.

⁴² COSTA. *Futebol folhetinizado*, p. 106.

⁴³ SILVEIRA. *Jornalismo esportivo*, p. 22.

jornalista esportivo no jornal *A Manhã*, e depois ainda experimentou sua linguagem característica no jornal *Crítica*, ambos de propriedade de seu pai, Mário Rodrigues.

Percebendo o sucesso da publicação da página de esportes por *A Gazeta* às segundas-feiras desde 1928, ele decidiu dedicar-se a uma publicação unicamente voltada ao tema, com um trato de redação “mais ágil, menos laudatório”, priorizava aspectos emocionais. Ribeiro⁴⁴ aponta que “na forma, quase tudo mudava: título, subtítulo, legendas. O conteúdo abria espaço para a vida dos personagens que faziam o espetáculo. Jogadores passaram a ser endeusados, especialmente os negros. Nos bastidores, Mário criava uma rede de informações poderosa”. Por isso mesmo, recorrer ao melodrama e à dramatização dos fatos “é uma característica marcante de Mário Filho em sua atividade profissional e essa técnica foi extremamente importante no papel que desempenhou na história do jornalismo esportivo”,⁴⁵ como em 1931, quando assumiu a seção de esportes d’*O Globo*.

Neste panorama, o *Jornal dos Sports*, primeiro diário dedicado à cobertura esportiva brasileira, surgiu no Rio de Janeiro, em 1931. Fundado por Argemiro Bulcão – antes diretor do jornal *Rio Sportivo*, e Ozéas Mota, proprietário da gráfica que imprimia o jornal –, e ligado à figura de Mário Filho, grande destaque da imprensa esportiva brasileira. A criação do jornal ocorreu em um contexto em que o segmento esportivo era o que mais crescia “desde 1912, quando saltou de cinco para 58 jornais, um aumento de 1.060%”.⁴⁶ No entanto, apesar deste quadro, o *JS* dividia espaço com seções esportivas de outras publicações nos primeiros anos de circulação, especialmente as do *Jornal do Brasil* (1893) e do *Correio da Manhã* (1903). Neste contexto político, sobretudo na era Vargas, com o Estado Novo, a ideia de um projeto de nação – de uma suposta “democracia racial”, como um processo pretensamente pacífico e acrítico – desenvolvido por meio da prática esportiva ganha força, assim como se expõem as relações políticas entre jornalistas e outros agentes da esfera política, em busca de trocas de influências.

Deste cenário, como indica Hollanda,⁴⁷ periódicos estrangeiros, além de unificar informações sobre esporte, incentivavam a criação de prêmios e taças variadas,

⁴⁴ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 75.

⁴⁵ COSTA. Futebol folhetinizado, p. 97.

⁴⁶ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 73.

⁴⁷ HOLLANDA. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980.

como o *L'Équipe* (França, 1900) e o *Gazzeta dello Sport* (Itália, 1896), tendência seguida pelo *JS*, conhecido popularmente como *O cor-de-rosa* por conta da tonalidade da impressão de suas páginas, influenciada também por publicações de fora do país. Ainda segundo o autor, desde que Mário Filho fez parte do jornal, homem dos esportes e empresário influente, cercou-se de um seleto grupo de colaboradores – tanto da esfera esportiva quanto política, como Vargas Neto, Luiz Galotti e Mário Pollo, além de João Lyra Filho, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues, seu irmão.

Por sua vez, a edição esportiva d'A *Gazeta* procurava oferecer ao leitor um grande volume de informações sobre o cotidiano esportivo, com destaque ao futebol, como menciona Costa.⁴⁸ Além dos principais clubes paulistas, o jornal tinha espaço para campeonatos de várzea e competições paralelas. Na redação, a figura de Thomaz Mazzoni foi representativa – tanto que viajou com a Seleção Brasileira para a Copa do Mundo de 1938, na França, não apenas como jornalista, mas membro da delegação. Como Mário Filho, “Mazzoni tentou formar um público leitor cativo usando como estratégia o apelo às emoções, a promoção de eventos, preocupando-se em tornar menos empolada a linguagem, passando a inventar apelidos para os times e nomes para os clássicos”.

Nesta relação entre as publicações, inclusive, o *Jornal dos Sports* acompanhou a primeira grande crise do futebol nacional. Durante o período de profissionalização do esporte, ocorreu uma ruptura, no entendimento da composição dos campeonatos, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na terra da garoa, dois campeonatos foram realizados, simultaneamente, em 1935 e 1936. Por sua vez, no Rio, a confusão se deu no ano em que se demarcou a virada no processo de profissionalização, em 1933.

Nesta mesma época, lembra Oliveira,⁴⁹ em 1936, os sócios do *Jornal dos Sports* venderam a publicação para Mário Filho, o que projetou ainda mais as ambições do jornalista: Segundo Antunes,⁵⁰ “a opção de Mário Filho por escrever de forma dramática situações que poderiam parecer corriqueiras aproximou definitivamente o torcedor do jogador e da vida do clube”. E ainda que o pioneirismo seja

⁴⁸ COSTA. Futebol folhetinizado, p. 98.

⁴⁹ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 45.

⁵⁰ ANTUNES. *Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*, p. 103.

atribuído, na área esportiva, ao *Jornal dos Sports*, Coelho⁵¹ considera que *A Gazeta Esportiva* teve papel relevante na luta pela instituição de um noticiário esportivo na imprensa brasileira. Em 1928, portanto antes da criação do *Jornal dos Sports*, a publicação já estava em circulação, mas em forma de suplemento do jornal *A Gazeta*, fundada por Cásper Líbero em 1906, e se transformando em diário exclusivamente dedicado à temática esportiva em 1947.

Em meio a um processo de modernização e urbanização da capital paulista, as publicações d'*A Gazeta* tinham caráter nacionalista e popular, valorizando a disciplina e o coletivismo. É pontual considerar que as perspectivas dos dois jornais sobre a modalidade eram diferentes: enquanto *A Gazeta* discordava da compreensão do futebol-arte, malandro, essa era a narrativa corrente nas páginas do *Jornal dos Sports*, com cronistas que “exerciam múltiplas funções simultâneas: cronistas, dirigentes de clubes, presidentes de entidades esportivas, bacharéis, políticos e literatos”.⁵² Na década de 1940 esse processo se evidenciava, com José Lins do Rego como um marco.

É importante ainda considerar que o *Jornal dos Sports* foi o carro chefe na reportagem esportiva, sobretudo futebolística, entre as décadas de 1940 e 1960, enquanto a TV nem havia chegado ao país e, pouco tempo depois, neste intervalo, já construía seu protagonismo. Tênis, golfe, remo, atletismo, boxe, hipismo, eram todas modalidades contempladas pela publicação. Além disso, assuntos como a ciência, a educação e a cultura eram pauta do jornal.

O cor-de-rosa, como era conhecido, representou, em certa medida, um marco emancipatório do jornalismo esportivo brasileiro não apenas por conta da presença de Mário Filho, mas também pelo time de colunistas, pelo contexto social e pela qualidade técnica das reportagens.⁵³ Por cinco décadas no auge, o *Jornal dos Sports* começou a perder força com a morte de sua figura-chave, em 1966. A partir de 1990 a situação começou a piorar até que, em 2007, a publicação deixou de circular. Na capital gaúcha, o *Correio do Povo* lançou *A Folha Esportiva* em 1949 (matutino, durou até 1963 [sic]).⁵⁴ *O Estado de S. Paulo* foi o último da grande imprensa a dedicar mais

⁵¹ COELHO. *Jornalismo Esportivo*.

⁵² RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 96.

⁵³ HOLLANDA. *O cor-de-rosa*.

⁵⁴ Vale ressaltar que a *Folha da Tarde Esportiva* nasce em 1937, dois anos depois da *Gazeta Esportiva*. Primeiro em periodicidade semanal, às segundas-feiras, e, depois, em 1949, como

espaço aos esportes, especialmente depois da conquista do título mundial de futebol pelo Brasil, em 1958.⁵⁵

Além destas iniciativas, conforme ressalta Silveira:⁵⁶ “No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* vive um bom momento entre o fim da década de 50 e início dos anos 60”. Desta forma, somente no fim da década de 1960, “os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro”.⁵⁷

Pensando no legado deixado pelas publicações impressas, é relevante pontuar que o contexto dos relatos esportivos, ao menos até a década de 1970, se dava em grande parte por meio da crônica, em que idolatria e dramaticidade eram a tônica, com a perspectiva voltada não tanto à partida em si, ao resultado, mas às reações das torcidas e à personificação dos jogadores e suas ações em campo – já que o futebol ganhava cada vez mais as páginas dos periódicos.

Foi durante esta década, também, que outra situação representativa ocorreu no jornalismo esportivo brasileiro, segundo pontua Oliveira:⁵⁸ as mulheres passaram a estar nas coberturas esportivas, tanto pelo rádio quanto pela TV. Tanto que “até esse período, com raríssimas exceções, mulheres não conseguiam entrar no fechado clube masculino das transmissões esportivas. Uma equipe inteira, então, era pura utopia”.⁵⁹ Então, como ressalta Oliveira, Roberto Montoro, diretor da Rádio Mulher, criou uma equipe de transmissão exclusivamente formada por mulheres:

Só mulheres trabalhavam na equipe, dentro e fora das transmissões. A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias; os comentários, por Jurema Iara e Leilá Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos – que também era juíza –; na reportagem, Germana Carili, Claudete Troiano e Branca Amaral; no plantão, na sede do rádio, ficavam as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Até o transporte da equipe era feito

diário, chegando a 50 mil exemplares. A circulação é interrompida, sim, em 1964 – o que pode ter motivado a confusão de datas – e retomada três anos mais tarde. Como veículo diário, a *Folha* se manteve até 1969, época da criação da *Folha da Manhã*, publicação em que ficou encartada até o seu fim, em 1973. A *Folha da Manhã* teve o mesmo destino sete anos mais tarde, em 1980 (CARDIA, 2009).

⁵⁵ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

⁵⁶ SILVEIRA. *Jornalismo esportivo*, p. 22.

⁵⁷ COELHO. *Jornalismo Esportivo*, p. 10.

⁵⁸ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*.

⁵⁹ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 220.

por uma mulher, Tereza Leme. Na parte técnica, a sonoplastia ficava por conta de Regina Helô Aparecida.⁶⁰

A iniciativa, no entanto, não durou muito tempo. Após cinco anos, saiu do ar, mais uma prova do preconceito que se manifesta dentro e fora das redações, sobretudo no esporte. Ribeiro⁶¹ traz à tona o depoimento da narradora Zuleide Ranieri, para quem, apesar de haver incentivo de alguns colegas, “a maioria ficava atenta aos possíveis erros cometidos durante as transmissões e criticavam o fato de terem de dividir o mesmo local de trabalho conosco”. O quadro, portanto, era extremamente hostil, tanto que a emissora entendeu, depois deste período, que “estavam faltando homens na equipe”. Apenas duas décadas depois, já em 1991, essa situação se reverteria com a presença de Regiane Ritter, repórter e comentarista da *Rádio Gazeta*, que “chegou a conquistar o prêmio de melhor jornalista esportiva do estado de São Paulo naquele ano”.⁶² Apesar disso, é notável a condição marginal ocupada pelas mulheres diante da misoginia prevalecente no universo do jornalismo esportivo. Essa condição só teve mínimos e insuficientes avanços a partir da década de 1980, quando as restrições a mulheres repórteres de futebol diminuíram. Ainda hoje, porém, esse contexto é injusto e incômodo. O que é representativo, sobretudo, é a crescente – mas ainda muito pontual – da presença da voz feminina nos espaços de comentário e narração esportiva, por exemplo.

A *Gazeta Esportiva* teve tiragens recordes de 500 mil exemplares, mas o declínio foi inevitável diante do protagonismo do rádio e da televisão. Já em 2001, com mais de sete décadas de circulação, apenas 14 mil exemplares diários estavam nas bancas, chegando em alguns momentos a apenas quatro mil. Por conta disso, desde 19 de novembro, a publicação deixou de circular, “pela impossibilidade de simplesmente desaparecer, pois a dona do jornal, Fundação Cásper Líbero, era obrigada a manter o título no mercado”.⁶³ O caminho foi a migração para dois segmentos: o portal *gazetaesportiva.net* e a agência de notícias *Gazeta Press*, detentora de “um dos maiores acervos de fotos e notícias esportivas no país [...]”.⁶⁴

⁶⁰ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 221.

⁶¹ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 221.

⁶² OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 54.

⁶³ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 302.

⁶⁴ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 44-45.

A MODERNIZAÇÃO: A VIRADA DOS IMPRESSOS ATÉ O FIM DO SÉCULO XX

Além das páginas, as ondas eletromagnéticas também foram porta de entrada para a popularização do esporte e, em especial, do futebol. No entanto, não há, necessariamente, uma linearidade em relação às transmissões do gênero no país. Barbeiro e Rangel destacam que um estilo particular se formou a partir da tentativa e do erro. Nas primeiras transmissões pelo rádio, mencionam os autores, a linguagem da narração era direcionada à emoção e ao improviso, diferentemente do que ocorria na Europa, sem que houvesse tanta interpretação e empolgação nas narrações: “Os locutores chegavam a gritar para demonstrar a explosão do gol. Muitas vezes não se preocupavam com quem estava em volta e se o estádio estava lotado: eles falavam mais alto para não ter seu som abafado pelos urros da torcida enlouquecida”.⁶⁵

O marco da ligação entre futebol e rádio, segundo relata Costa,⁶⁶ acontece “por volta dos anos 40 e 50”. Na década anterior, especialmente a partir da iniciativa da Rádio Nacional que, com transmissões por todo o país, construiu-se uma “escola” brasileira de transmissões ao vivo, aumentou o público das partidas à casa dos milhões. Como consequência, aponta o autor, houve a centralização midiática no Rio de Janeiro, à época sede do Distrito Federal, assim como a dispersão de torcedores das equipes cariocas pelo interior do Brasil.

A nível mundial, o desenvolvimento das coberturas também foi impulsionado pelos grandes eventos como Olimpíadas e Copas do Mundo. Foi durante um destes acontecimentos, o mundial de 1938, que “foi realizada a primeira transmissão de rádio intercontinental”.⁶⁷ A evolução é visível mesmo se dermos um salto no tempo: afinal, “na Copa de 1998 foi feita a primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV),⁶⁸ enquanto na [...] Copa, na África do Sul (2010), foi realizada a primeira transmissão internacional de tevê em 3D (fonte: FIFA; COI)”.

Voltando à década de 1930, foi quando o futebol passou a ser um evento mais midiático, porta de entrada para que pudesse, depois, despertar o interesse dos

⁶⁵ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do jornalismo esportivo*, p. 54-5.

⁶⁶ COSTA. *Futebol: espetáculo do século*, p. 73.

⁶⁷ GASTALDO. *Comunicação e esporte*, p. 44.

⁶⁸ *High Definition Television*.

meios audiovisuais, principalmente entre 1950 e 1960. Costa⁶⁹ menciona que, entre outras mudanças, havia mais criatividade nas narrações – vindas do rádio – com a avaliação de que “o nascimento de um veículo de comunicação não invalidou o antigo, ou suprimiu o anterior, todos convivem entre si, e existe um mercado consumidor para cada um deles”. Era uma pista de que, independentemente do meio, e com o passar do tempo, os esportes e, destacadamente, o futebol, tinham impacto nas práticas da imprensa do país.

Começando pelas ondas sonoras, é possível destacar que a função de repórter de campo surgiu no meio, tendo na figura do locutor Silvio Luiz um propulsor da audiência, diante da disputa entre as rádios concorrentes – Tupi e Paulista – do eixo Rio-São Paulo. Na Paulista, era ele o responsável por carregar “um pesado equipamento, correndo de um lado a outro na beira do gramado atrás de jogadores que entravam e saíam de campo. As quedas eram inevitáveis e, enquanto trabalhava, a torcida divertia-se com seus tombos”.⁷⁰

A Rádio Educadora Paulista foi a primeira na história do rádio a transmitir uma partida de futebol na íntegra. A audácia de um estudante de Direito e jovem locutor, Nicolau Tuma, o levou a convencer a chefia que se realizasse a transmissão da vitória do São Paulo, por 6 a 4, diante do Paraná, em 19 de julho de 1931, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro. Tuma, sem saber, destacava o potencial imagético das partidas de futebol quando, a poucos minutos do início do jogo, anunciava aos ouvintes:

Como repórter, vou transmitir daqui tudo aquilo que for acontecendo no campo... Como vocês sabem, o campo de futebol é um retângulo. Então vocês façam um retângulo aí em sua frente, numa cartolina... Ou então, peguem uma caixa de fósforos. A caixa de fósforos é um retangulozinho, não é? Agora sim, a caixa de fósforos é o campo. Do lado esquerdo vão jogar os paulistas, do lado direito, os paranaenses.⁷¹

A condição das transmissões esportivas chegou à TV depois de um percurso considerável, a partir da década de 1930, como aponta Oliveira,⁷² quando uma partida de beisebol foi transmitida em 1935. Por sua vez, a Alemanha transmitiu os

⁶⁹ COSTA. *Futebol: espetáculo do século*, p. 71.

⁷⁰ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 143.

⁷¹ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 55.

⁷² OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 55.

Jogos Olímpicos de Berlim em 1936; enquanto no ano seguinte a Inglaterra transmitiu um torneio de tênis de Wimbledon em 1937.⁷³ Desta maneira, “a primeira transmissão esportiva realizada na íntegra pela TV só viria a acontecer em 1948, nos Jogos Olímpicos de Londres, pela BBC”.⁷⁴

Em especial a partir da segunda metade do século XX, transformações significativas ocorrem: com o protagonismo da televisão no Brasil, a partir de 1950, o país pode experimentar a assimilação do esporte pelas massas – por conta da fixação do futebol, sobretudo. Foi um período representativo também por conta da proximidade, por alguns meses, da traumatizante derrota para o Uruguai na final da primeira Copa do Mundo disputada no país. Ribeiro⁷⁵ aponta que a primeira transmissão ao vivo de uma partida de futebol televisada no Brasil foi em 15 de outubro de 1950, quando a primeira emissora de TV do país, a Tupi, tinha menos de um mês de inauguração, na cidade de São Paulo.

Para a transmissão, “o público presente ao estádio do Pacaembu para assistir à partida entre Palmeiras e São Paulo era milhares de vezes superior ao número de aparelhos receptores”. Em torno de “duzentos privilegiados, no máximo, conseguiram acompanhar depois, em casa, as primeiras imagens de uma partida de futebol transmitida pela televisão”.⁷⁶ Assim, mesmo com o fracasso brasileiro em casa, na Copa do Mundo de 1950:

o torcedor das arquibancadas parecia cada vez mais seduzido pelo futebol. Grande parte dessa paixão desenfreada poderia ser creditada à mídia esportiva, que crescia em ritmo acelerado. O fenômeno televisão era apenas mais uma ferramenta para atrair mais e mais torcedores para as discussões em torno do futebol.⁷⁷

Segundo entende Costa,⁷⁸ com apoio da imagem, situação explorada também por outras modalidades, era um fenômeno que buscava unir a “beleza ao gesto técnico, buscando a imagem mais que espetacular”. O esporte é, assim, “o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva, porque oferece [...] o show já

⁷³ TUBINO *et al.* *Dicionário enciclopédico Tubino do esporte*.

⁷⁴ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 55.

⁷⁵ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

⁷⁶ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 135.

⁷⁷ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 137.

⁷⁸ COSTA. *Futebol: espetáculo do século*, p. 74.

pronto; possui elementos fortes para esta parceria, porque ganha características de um show de entretenimento”.⁷⁹ Seria esse um reflexo da sociedade técnico-industrial, com características do próprio tempo, como é o caso do futebol. Costa⁸⁰ avalia que, neste contexto, resultados ultrapassaram a importância do jogo: “a estatística da vitória, a análise matemática do jogo, passou a ser superior a jogar. Esse é um fenômeno presente em quase todos os esportes e cresceu concomitantemente ao desenvolvimento do sistema capitalista”.

Quando se fala dos impressos, houve, também, alterações no panorama: *Placar*, revista semanal lançada em março de 1970, marcou época no jornalismo esportivo brasileiro. O estabelecimento de uma revista esportiva de publicação regular chegou tardiamente ao Brasil, enquanto países como Argentina e Itália já tinham publicações voltadas aos esportes desde 1927.⁸¹ Por aqui, como parte da cartela de publicações do Grupo Abril, e no início concorrente do já citado *Jornal dos Sports*, a *Placar* encarou um período complexo da história brasileira: a Ditadura Militar. Entre possíveis censuras, chegou a vender mais de 100 mil exemplares por semana durante a Copa de 1970, e 500 mil na primeira edição.⁸² Pesavam a favor os profissionais consagrados que passavam a fazer parte do quadro da revista. A proposta editorial envolvia até mesmo o recurso da charge como forma de construir um discurso engajado e crítico. Neste sentido:

A maior e melhor revista esportiva do Brasil, publicada pela Editora Abril, surgiu no auge da efervescência política do país e no olho do furacão da crise instalada com a demissão do técnico da Seleção Brasileira às vésperas da disputa da Copa do Mundo do México. *Placar*, idealizada pelo jornalista e advogado Cláudio de Souza, era destinada a leitores interessados em reportagens mais elaboradas, inteligentes, escritas por feras do jornalismo esportivo.⁸³

Um dos trunfos da *Placar* foi compreender em qual momento histórico estava. Malaia⁸⁴ aponta, por exemplo, a divisão da divulgação esportiva não só entre jornais, mas também entre rádios, TVs e revistas. A *Placar*, então, se propunha uma

⁷⁹ COSTA. *Futebol: espetáculo do século*, p. 74.

⁸⁰ COSTA. *Futebol: espetáculo do século*, p. 86.

⁸¹ COELHO. *Jornalismo Esportivo*.

⁸² HOLLANDA. O cor-de-rosa.

⁸³ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 208.

⁸⁴ MALAIA. *Placar*. 1970, p. 169.

abertura ao posicionamento dos jogadores, que “não se furtavam a declarar seu posicionamento político no período”. Assim, mesmo a contratação do sociólogo e jornalista esportivo Juca Kfoury era uma demonstração do interesse pela cobertura de acontecimentos e movimentos sociais como as Diretas Já e a Democracia Corintiana.

Desta forma, as estratégias para se aproximar da audiência eram variadas. Desde o posicionamento editorial até os slogans, procuravam refletir a postura da revista, tanto que “no início dos anos 1980, Placar passou a se chamar ‘Placar Todos os Esportes’, no final da década já era a ‘Placar Mais’ e nos anos 1990 passou a ser a ‘Placar: Futebol, sexo e rock & roll’”.⁸⁵ Esta última iniciativa, é válido pontuar, tinha nas suas páginas um apelo sexista, estereotipado e objetificador das mulheres, tratadas não como protagonistas das práticas e dos acontecimentos esportivos, nem como espectadoras.

Nos anos de 1980 até o início dos anos de 1990, a precisão teve mais espaço que a perspectiva voltada à crônica, o que “tornou o esporte quase frio”. Em uma linguagem mais descritiva, a proposta era equilibrar os aspectos emocionais com o relato factual, uma vez que o jornalismo esportivo “não vive sem emoção”.⁸⁶ A proposta foi adotada por jornais e revistas, apostando na “descrição em detalhes dos bastidores, a comprovação e explicação dos fatos esportivos”.⁸⁷

Oliveira⁸⁸ argumenta que outro veículo a utilizar estratégias efetivas de aproximação com o público foi o diário esportivo *Lance!*, criado em 1997 pelo economista Walter de Mattos Júnior. As características que notabilizavam a publicação – primeiro tabloide colorido do país – envolviam um projeto gráfico e editorial assinados pelo designer catalão Antoní Cases. A inspiração vinha de diários estrangeiros, como o espanhol *Marca* e o argentino *Olé*. O público-alvo, formado por “torcedores consumidores”, via, ao mesmo tempo, a decadência da principal concorrente em São Paulo, a *Gazeta Esportiva*, além do declínio do *Jornal dos Sports* no Rio.

A cobertura deveria privilegiar um enfoque original e positivo das equipes, como “um lugar para o torcedor encontrar prazer, não sofrimento”.⁸⁹ Mesmo sendo

⁸⁵ MALAIA. *Placar*. 1970, p. 169.

⁸⁶ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do jornalismo esportivo*, p. 55.

⁸⁷ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do jornalismo esportivo*, p. 56.

⁸⁸ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*.

⁸⁹ STYCER. *Lance!* Um jornal do seu tempo, p. 196.

marcos do jornalismo esportivo brasileiro, *Gazeta Esportiva* e *Jornal dos Sports* tiveram seu declínio motivado sobretudo pelo momento de crise e pela desorganização das entidades esportivas do país no fim dos anos de 1980. O argumento é corroborado por Stycer, quando sustenta que esse processo levou a uma espécie de modernização do futebol no Brasil – em direção à era dos patrocínios e dos clubes-em-presa, é possível:

pensar no impacto da televisão, que passa a transmitir jogos de futebol com alguma frequência (e em cores, com o advento da nova tecnologia) a partir da década de 1970, e em ritmo massificado na década seguinte, mas é uma hipótese de difícil verificação. É notório que o rádio, usado de forma intensiva em transmissões esportivas justamente a partir da década de 30, não afetou o interesse pelos jornais esportivos, muito pelo contrário. Se for correta a hipótese que A *Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* cresceram apoiados na popularização do futebol, faz sentido imaginar que tenham começado a decadência no momento em que a desorganização atingiu o auge e os clubes enfrentaram a maior crise de sua história.⁹⁰

Nesta reflexão – e dando um salto temporal –, durante a última década do milênio, a divulgação esportiva se expandia em território brasileiro. Com as novas dinâmicas de produção e um entendimento diferenciado da representatividade dos esportes, em especial o futebol, no cotidiano das pessoas, os jornalistas precisariam se atualizar. Foi o que o diário *Lance!* fez, ao inaugurar sua versão digital,⁹¹ dando o pontapé inicial à virtualização do jornalismo esportivo no país. Em discussão, estavam a reestruturação do futebol, a comercialização dos direitos de TV e a reorganização dos clubes como empresas, a explorar o potencial de aproximação com os públicos.⁹²

Como destaca Hollanda,⁹³ a proposta do *Lance!* era a de um tabloide segmentado, com um público de renda elevada, que põe “em suspeita a visão estereotipada do perfil medíocre que cerca a imagem do leitor-torcedor”. Essa postura questionava a visão de que o público identificado com esportes e, destacadamente no Brasil, com o futebol, é ligado a interesses “menores”. Pesquisas posteriores apontaram que leitores pertencentes às classes B e C já formavam 45% do público do jornal.⁹⁴ Assim, era possível visualizar o leitor do *Lance!*: “um jovem de classe média abonada

⁹⁰ STYCER. *Lance!* Um jornal do seu tempo, p. 191.

⁹¹ LIMA; BRASILEIRO. A virtualização do jornalismo esportivo.

⁹² OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*.

⁹³ HOLLANDA. O cor-de-rosa.

⁹⁴ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 50.

que vai à janela do apartamento gritar ‘chupa!’ quando seu time ganha, protegido de um outro leitor do jornal, de origem humilde, que passa embaixo, na calçada, e não pode alcançá-lo”.⁹⁵ Fazendo um apanhado sobre a publicação, chegou aos 24 anos de existência como principal diário esportivo do país, com conteúdo multimídia, tentando passar pelo processo de convergência midiática. No entanto, o cenário apresentado pela pandemia de Covid-19 foi o estopim para que a versão impressa deixasse de circular.

Assim, essa alteração de contexto teve uma virada já no fim da década de 1990 no Brasil, quando, além da introdução da internet comercial no país, também a imprensa se redesenhava. O *pay-per-view* diversifica a cobertura, e se altera a forma de se produzir notícias ligadas à temática a partir dos anos 2000 – situação que veio com uma década de atraso em relação a outros países.⁹⁶ Nesses locais, “uma competição ferrenha se estabelece entre os jornais esportivos – a exemplo dos diários de Madri, *As* e *Marca* –, assim como entre os pacotes de canais digitais da TV a cabo, como a ESPN, Eurosport, TVA Sports, Canal + Sport, etc. (no caso da televisão francesa)”.⁹⁷ Um cenário histórico drasticamente alterado com a emergência e consolidação da internet no país, e a alteração de todo o contexto do jornalismo esportivo depois de então.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se em décadas passadas havia dúvida sobre a relevância de uma programação dedicada ao esporte nos jornais e no rádio, a televisão – seja aberta ou a cabo – tratou de estabelecer ainda mais a cultura futebolística no imaginário brasileiro – sobretudo em uma época de inserção popular à cultura de massa. Depois, com a virada digital da última década do milênio, o panorama jornalístico foi dramaticamente remodelado, segundo avalia Boyle:

[...] estando o jornalismo esportivo muitas vezes na vanguarda desta transição, à medida que o jornalismo se deslocava para o mundo on-line e muitas novas fontes de informação [...] se tornavam disponíveis em torno

⁹⁵ STYCKER. *Lance!* Um jornal do seu tempo, p. 199.

⁹⁶ BOYLE. Sports journalism: changing journalism practice and digital.

⁹⁷ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo, p. 11.

da cultura esportiva. A crise empresarial no jornalismo impresso chegou à porta dos jornalistas esportivos um pouco mais tarde do que noutros setores, mas chegou. À medida que o financiamento do jornalismo passa a ser o centro das atenções como motor na definição das novas trajetórias do jornalismo, aqueles que trabalham no esporte também tiveram de se adaptar e reinventar [...].⁹⁸

Assim, o modelo tradicional de jornalismo nas sociedades ocidentais, dominado por meios de comunicação como jornais e televisão, sofreu mudanças fundamentais no século XXI. Como consequência, é importante observar que o jornalismo esportivo desta época tem características próprias ainda que siga os passos de um desenvolvimento histórico recente em relação a outros campos dentro do jornalismo – como se disse, por um século.

O esporte adentra espaços independente do meio de veiculação – do rádio à TV, dos jornais à internet, na tentativa de alcançar um público que, apesar de ter interesses segmentados, é conectado a eles não apenas pela necessidade de informação, mas pelo afeto, por uma construção que o atravessa por vias racionais e emocionais. Com esta característica, apontam Pelegrini e Giglio,⁹⁹ constrói um discurso autorizado a consolidar determinadas interpretações sobre a história do jornalismo esportivo – algumas delas mais fortemente questionadas depois da virada do milênio – recorte que, ressalte-se não é a proposta deste estudo.

Uma abordagem histórica e temporalmente determinada foi importante por ressaltar esse contexto, prévio à consolidação da internet, ao ressaltar a evolução tardia, a lenta inserção na imprensa, e o desenvolvimento, sobretudo no Brasil. Desta forma, é possível, ainda que de forma restrita – uma das limitações do recorte deste estudo – olhar para as dinâmicas do passado e perceber, retrospectivamente, a ruptura ocorrida depois dos anos 2000 em variados aspectos. Por isso, a proposta foi olhar um pouco mais para o passado – porque só assim se pode pensar em que reflexos são causados por quem jogou antes. Porque, depois, muito se altera.

* * *

⁹⁸ BOYLE. Sports journalism, p. 494. (Tradução nossa).

⁹⁹ PELEGRINI; GIGLIO. *A Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports*.

REFERÊNCIAS

- ALCOBA LÓPEZ, A. **Periodismo deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.
- ANTUNES, F. **Com brasileiro não há quem possa**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. Editora Unesp, 2004.
- ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo: introdução. **Sur Le Journalisme**, v. 10, n. 2, 2021.
- BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990, p. 152.
- BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BORELLI, V. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. **Anais [...] XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Salvador/BA, 1 a 5 set. 2002.
- BOYLE, R. Sports journalism: changing journalism practice and digital. **Digital Journalism**, 5:5, 493-5, 2017.
- CALDAS, W. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo, Editora Ibrasa, 1990.
- CARDIA, R. C. **“Jean Marie: o Brasil vai até o Chui”**: futebol e identidade “gaúcha” nas páginas da Folha Esportiva (1967-1972). Monografia (Bacharelado em História), Porto Alegre, UFRGS, 2009.
- COSTA, L. M. Futebol folhetinizado: a imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. **LOGOS 33: Comunicação e Esporte**, v. 17, n. 2, 2010.
- COSTA, M. R. **Futebol**: espetáculo do século. São Paulo, Musa Editora, 1999.
- GASTALDO, E. L. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, 2011 p. 39-51.
- HELAL, R. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HOLLANDA, B. B. B. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7 Letras, 2012, v. 1, p. 80-106.
- LIMA, A. C. S.; BRASILEIRO, A. F. A virtualização do jornalismo esportivo: Futirinhas e Trivela. **Anais [...] XIV Congresso de Produção Científica e Acadêmica**, 2016, São João del Rei, XXIII SIC, 2016.
- MALAIÁ, J. *Placar*. 1970. In: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7 Letras, 2012, v. 1, p. 149-70.

MARQUES, J. C. A “criança difícil do século”: algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio. **Comunicação, mídia e consumo** (São Paulo, ESPM), v. 8, 2011, p. 93-112.

MELO, V. A. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7 Letras, 2012, v. 1, p. 21-51.

OLIVEIRA, T. R. N. **Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016**: o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2018.

PELEGRINI, G.; GIGLIO, S. *A Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports*: aproximações na primeira metade do século XX. **Caminhos da História**, v. 30, n. 2, 2025, p. 68-88.

RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SHIRTS, M. Futebol no Brasil ou football in Brazil? In: MEIHY, J. C.; WITTER, J. S. **Futebol e cultura**: Coletânea de estudos. São Paulo IMESP/DESP, 1982.

SILVA, M. R. **Mil e uma noites de futebol**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVEIRA, N. E. **Jornalismo esportivo**: conceitos e práticas. Monografia (Bacharelado em Jornalismo), Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.

STYCER, M. *Lance!* Um jornal do seu tempo. In: BUARQUE DE HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7 Letras, 2012, v. 1, p. 186-206.

TAVARES JÚNIOR, C. A. Jornalismo esportivo: o que é. **Revista Pauta Geral**: Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 38-59, 2017.

TUBINO, M.; GARRIDO, F.; TUBINO, F. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2007.

ZART, L. H. **Narrativa jornalística de Trivela**: a trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

* * *

Recebido em: 1º maio 2025.
Aprovado em: 31 ago. 2025.